

# O Brasil tem meios próprios para vencer

**T**ODOS nós temos uma bandeira comum — trabalhar pelo Brasil; todos nós — cada um no seu setor, — temos esse denominador comum, e somente essas raras oportunidades que nos são concedidas nos permitem ter a impressão de que, realmente, associamos nossos esforços.

O D.A.S.P. tem satisfação muito particular em acolher os ensinamentos, a contribuição que resultar desta III Conferência de Técnicos de Contabilidade Pública e Assuntos Fazendários.

Acabo de ser informado, pelo nobre Presidente, que este conclave deliberou designar uma subcomissão para apreciar os pequenos detalhes ainda pendentes, e estou certo de que não haverá maiores dificuldades, levando-se em conta a boa vontade que temos em resolver esse objetivo comum.

Pedi-me o Sr. Valentim Bouças que, aproveitando o ensejo desta visita, tão honrosa para mim, dissesse algumas palavras sobre o Plano SALTE. Respondi a S. Ex.<sup>a</sup> que o pedido partia era de mim, porque, há cerca de uma semana, o Sr. Presidente da República encaminhou-me uma exposição do Sr. Governador do Estado de Goiás, na qual S. Ex.<sup>a</sup> solicitava que o Governo Federal desse elementos aos Governos dos Estados, no sentido de que cada um pudesse elaborar um plano capaz de se articular com o Plano SALTE, federal, de forma a haver, nos problemas comuns, maior conjugação de esforços.

Ora, isto, para mim em particular, foi motivo de grande felicidade, porque, desde o primeiro momento, quando, num trabalho de equipe, elaboramos o anteprojeto do Plano SALTE, esta idéia foi a primeira que surgiu, tanto assim que constou logo após o enunciado do próprio Plano, no § 1.<sup>o</sup> do art. 1.<sup>o</sup>, onde se lê mais ou menos o seguinte: A União promoverá acordos com os governos dos Estados, Municípios, autarquias e sociedades de economia mista, no sentido de associar os esforços para execução do que estiver consubstanciado nesta lei.

Ora, sendo esta Conferência de Técnicos em Contabilidade Pública e Assuntos Fazendários, quer dizer, uma reunião de homens que mais de perto tratam com os problemas que ditaram a elaboração do Plano SALTE, pareceu-me nada mais oportuno tratar do assunto.

Eu queria, apenas, conversar ligeiramente com os Srs. delegados e receber ensinamentos que julgarem conveniente ministrarem a mim.

O Plano SALTE resultou do trato do Orçamento da União. Nós nos encontrávamos angustiados pelas solicitações dos vários setores da administração pública, todos eles desejosos de obter recursos para atender a este ou aquele problema. Sendo o Orçamento um plano de trabalho a curto prazo, era muito difícil estabelecermos de antemão as prioridades e o tratamento mais adequado a cada um dos grandes problemas.

Estudado, então, o panorama econômico do Brasil houve, no primeiro momento, verdadeiro alarme pela situação em que nos encontrávamos. Na realidade, os nossos índices são impressionantes.

O Brasil tem 12 milhões de impaludados, tem uma taxa de moléstias venéreas só igualada em poucas colônias africanas, a mortalidade infantil é igual, em algumas cidades, à que se verifica em Senegal, a taxa de consumo dos alimentos essenciais é mínima. A dieta é a menos adequada para o nosso clima. Temos, no Brasil, um consumo médio, per capita, de 100 gramas de trigo, por dia, quando na França, no auge do racionamento, era de 240, e isso ainda dava motivos para levantes. No Distrito Federal come-se, em média, meio ovo por semana, per capita. No Rio Grande do Sul, a região em que se come mais carne, temos uma taxa inferior à da Escandinávia, onde não há rebanhos.

Falta tudo no Brasil, mas a situação não é de desespero, porque ao lado disto, países líderes no mundo têm algumas regiões muito semelhantes às

nossas. Examinando os elementos decorrentes do recrutamento americano para a última guerra, conta Cook, com grande espanto para a opinião pública americana que, de cada dez americanos recrutados na zona agrícola do sul, seis eram analfabetos. Além disso, no sul dos Estados Unidos, há 1.420 áreas administrativas sem um único hospital (no Brasil há 1.200 apenas); que há cerca de 500 em que não há um único médico residente (no Brasil há 900 e tantos).

Assim, se os nossos números eram de forma a nos preocupar, logo em seguida houve esse elemento alentador para nós. De fato, tudo é necessário e uma das grandes dificuldades em resolver isso reside em que os problemas não são apresentados em conjunto, e sim analisados cada um de per si, segundo a forma absolutamente louvável porque é apresentado pelo técnico. Este, evidentemente, sente, sempre, que tudo gira em torno de sua especialidade. E' preciso que, então, o homem do Governo, o que se encontra à frente desses problemas, trace a ordem de preferências. Foi o que fez o Sr. Presidente da República, ao lançar as bases do Plano SALTE.

O Plano SALTE visa, em última análise, valorizar o homem e a terra do Brasil. Não há maior patrimônio, não há maior riqueza do que o homem do Brasil, e não é possível que deixássemos perdurar essa situação em que ele se encontrava.

A população do Brasil, como sabem, apresenta um índice de crescimento bastante acentuado. Temos, hoje, um aumento anual de população de cerca de 900 mil habitantes. Se dividirmos o Brasil em regiões econômicas, segundo a qualidade da terra, a altura de chuvas, o clima, e considerarmos o que pode, nas condições atuais de técnica, se permitir, como vida decente, dentro dessas condições de trabalho, o Brasil não pode ter mais de 120 milhões de habitantes, sob pena de reduzir ainda mais o padrão de vida dos seus habitantes, caminhando para se transformar em uma segunda China ou Índia.

Diante desses fatos foi que, estudando esses fatores, chegamos à conclusão de que atingiríamos a essa saturação antes de termos construído bases mais sólidas para a nossa economia. Dêsse modo, ou o Governo enfrentava esses problemas em conjunto, ou teria a responsabilidade de assistir à nossa marcha para empobrecimento maior ainda.

Foi diante desse dilema que o Governo atual deliberou caminhar firmemente. Dentro da situação em que nos encontrávamos, foi preferido um programa de recuperação rápida, a ser executado apenas com os recursos de que efetivamente dispomos. Não houve, no Plano SALTE, uma única iniciativa que devesse ser adotada à custa de recursos de que não dispuséssemos ou pudéssemos dispor segundo o que estava fixado.

O primeiro problema consistia em recuperar fisicamente o homem brasileiro. Essa recuperação deveria se processar pela medicina preventiva. Não poderíamos, num programa econômico, tratar do doente crônico, mas, apenas atacar as grandes endemias, preservar os homens e recuperá-los, para que constituíssem uma unidade econômica efetiva.

Isto foi feito. O Plano SALTE equacionou os problemas da saúde pública e planejou as medidas para serem executadas com o objetivo de acabarmos, definitivamente, com a malária, com a febre amarela no Brasil, de controlarmos completamente a tuberculose e, assim, as outras doenças mais ou menos endêmicas.

A seguir, procuramos resolver o problema do mercado interno, o da subnutrição, e, principalmente, mantendo um mercado exportador em qualquer fase das contingências internacionais. Foi estudado o fomento da produção, em particular dos alimentos, o que constitui, quer em tempo de paz, quer de guerra, o nosso mercado externo seguro, o elemento que nos dá as divisas para vivermos.

Como corolário vem, então, o transporte — para assegurar a circulação da nossa produção — e a energia, como elemento de trabalho.

Surgiram, imediatamente, as críticas. Mas, diziam, porque não incluíram os problemas da educação. Ora, reúne-se, neste momento, em Quitandinha, um Congresso de Educação, e as teses mais recentes ali debatidas confirmam o que tínhamos prognosticado na ocasião; o problema educacional é um corolário do problema econômico. Nenhuma nação do mundo se elevou resolvendo primeiro o problema educacional. Resolve-se o problema econômico que o educacional é conseqüente.

Tratou, por isso, o Plano, na parte de Educação, apenas da formação dos técnicos de que efetivamente necessitava para a sua execução. Além disso, a Constituição brasileira, sábiamente, prescreve que 10% das rendas tributárias sejam aplicados na União, para educação. Isso nos dá, hoje, uma dotação de um bilhão e seiscentos milhões de cruzeiros, na pior das hipóteses. Bem programada, essa verba poderá, dentro das rotinas orçamentárias, enfrentar qualquer problema maciço.

O problema do transporte, de início, parecia o mais grave de todos. Na realidade, em certos aspectos não era tão grave quanto se afigurava à primeira vista. Há, principalmente, um distúrbio, uma falta de coordenação de transportes, de associação de esforços. O Brasil tem, nitidamente, duas regiões distintas: a que fica ao norte do paralelo do Rio e a que fica ao sul desse paralelo. A primeira foi prevista para ser servida por uma rede, toda ligada com bitola de um metro, e a do sul do Rio de Janeiro, com 1,60 metros. Será feito novo tronco de São Paulo até o Rio Grande do Sul já atacado em diversos trechos, e foram previstas todas as estradas subsidiárias para atingir esse tronco, além de toda uma série de detalhes que já devem conhecer.

Na parte da produção, porém, o que mais nos preocupou no que se relaciona com o transporte não foi propriamente o escoamento no período das safras, mas, sim, a regularidade desse escoamento, porque não é possível manter em condições de eficiência uma rede de transportes prevista, apenas, para o período de maior fluxo.

Previmos, então, uma rede de armazéns com equipamentos para imunização, os frigoríficos, porque só com isto será possível resolvermos o problema, também importantíssimo, do financiamento da produção. Os produtores, além do amparo financeiro para a sua atividade, terão, assim, a certeza do mercado, porque os armazéns assegurarão a imunização e estocagem, dentro da corrente normal de transportes, que será obtida com os melhoramentos previstos.

O Plano SALTE previu, na parte de energia, um aumento da nossa energia elétrica de 800 mil kilowatts e a produção de 50 mil barris diários de petróleo, fazendo-se, de início, a instalação de refinarias e promovendo-se a aquisição de uma frota de petroleiros. Tendo em vista a urgência de resolver, em parte, o problema do petróleo, pediu o Sr. Presidente da República ao Congresso Nacional o destaque de uma parcela correspondente à aquisição de uma grande refinaria de 45 mil barris diários, de uma frota de petroleiros e de 90 locomotivas. Foi obtido esse destaque; já foram celebrados os contratos para a aquisição das locomotivas e da grande refinaria, utilizando-se para isso os saldos que o Brasil dispunha na França, e, dentro de poucos dias, deveremos iniciar a aquisição dos navios petroleiros. Permito-me, ainda, dizer que, no corrente ano, teremos 5 navios petroleiros de 16.500 toneladas (o Madalena, que naufragou na entrada da barra do Rio, tinha menos que isto), e 6 a 8 para cabotagem, de forma que, ainda este ano, será iniciada a instalação de tanques nos portos que ainda não os possuem, para depósito de óleo combustível, gasolina e lubrificantes. Todo esse abastecimento será feito, a partir do próximo ano, com pequenos navios petroleiros, de forma a que alguns Estados, como Sergipe, Maranhão e outros, que pagam pelos combustíveis preço exorbitante, devido ao fato de serem transportados em tambores, gozarão, muito brevemente, dessa grande vantagem.

Para dar idéia exata do que isso representa, traduzirei em algarismos. Os fretes que se gastam, hoje, com os transportes inadequados dos produtos de petróleo, por falta de cabotagem, custam 98 milhões de cruzeiros por ano. A partir do próximo ano, vamos reduzir esse gasto a 9 milhões de cruzeiros.

A grande refinaria adquirida na França custou 10 milhões e meio de dólares, na parte a ser importada. Dólar, aí, figura apenas como moeda de referência, porque o pagamento se fará com francos compensados. A refinaria vai produzir 45 mil barris diários; tem, portanto, capacidade maior que as mais modernas da América do Norte, que estão sendo instaladas no Texas, por exemplo, e que produzirão 40 mil barris diários. A diferença entre o barril de petróleo cru e o refinado é de 1 dólar, de forma que vamos economizar, só nisso, 45 mil dólares por dia. Ao fim de 8 meses a refinaria estará paga.

Os grandes petroleiros custam, aproximadamente, o equivalente a 3 milhões de dólares. Cada um vai nos dar uma economia, em dólares, de

pouco mais de 1 milhão por ano. Vão eles ser adquiridos com coroas suecas, dinamarquesas e francos belgas, moedas que, no momento, não têm quase aplicação.

Tudo isso foi feito, exclusivamente, com a prata da casa, o fruto do trabalho do homem brasileiro. E' justo, portanto, que aos brasileiros caibam, não só as glórias, como as recompensas de tudo isso. A grande vantagem que se obteve com essa realização foi que nós, uma vez por tôdas, rompemos com esse complexo, com esse conformismo colonial que havia no Brasil; estávamos de cócoras, sentados, tinindo de febre, de malária, esperando que nos viessem socorrer; mas, com os primeiros passos, jogamos de lado todo esse complexo e nos convencemos de que iremos terminar esse trabalho, usando aquilo que a natureza nos deu. O Brasil tem meios próprios para vencer. Poucos países no mundo têm as nossas reservas. Venceremos, desde que saibamos nos articular e trabalhar. O brasileiro é, no momento, um dos homens que menos devem, per capita. A nossa dívida externa é ridícula, a nossa dívida interna é também ridícula. Fala-se em inflação, mas nós temos um meio circulante que é a metade da soma dos Orçamentos federal, municipal e das autarquias. Precisamos, apenas, em vez de procurar resolver tudo, enfrentar os problemas dentro de uma ordem de prioridade e resolver os mais urgentes. Conseguindo isso já faremos muito. Essa pequena parcela já executada do Plano SALTE, e que nos vai dar uma economia, em dólares, de cerca de 40 milhões por ano, que é aproximadamente nosso deficit normal, representa apenas 1/20 do Plano SALTE. Depois de decretado, se dirá, como sempre se faz no Brasil: Não vi, mas não gostei. Ninguém vê, ninguém lê, mas ninguém gosta, todos criticam. Grande expressão no Brasil, depois de se assinarem esses contratos, disse, com sua grande autoridade: Isso está bonito no papel, mas não se tem dinheiro para pagar. Essas divisas são do Banco do Brasil, mas a União já tem no Banco do Brasil, como o Contador-Geral da República, aqui presente, poderá confirmar, saldo efetivo, em cruzeiros, para pagar ao Banco do Brasil. O dinheiro já está em caixa.

(O Sr. Ovídio Gil aparteia: "Declaro à Conferência que é um fato".)

Se me afastei um pouco do assunto, peço desculpas, mas queria mostrar aos Senhores que o Plano SALTE, nos primeiros passos para sua execução, já mostrou sua solidez e realidade.

Em face dêsse exemplo, faço um apêlo, se me permitem, aos nobres delegados, para que cada um, no trato de seus problemas orçamentários, financeiros, colha elementos, para que, na esfera de suas atividades, possa, também, fazer um plano que se associe ao federal, para que, então, não a União e os Estados, mas o Brasil, que todos representamos, trabalhem em conjunto com êste objetivo, e de sua grandeza e de sua liberdade econômica, porque, queiram ou não, o Brasil já é uma nação, e isso se deve ao esforço dos senhores que, em cada setor de sua atividade, é um patriota. Ser patriota não é, apenas, defender o país em hora de guerra, é cumprir o dever, e cumprir o dever é servir a nação com esse ideal alevantado com que os senhores estão fazendo aqui.

Dada, assim, uma idéia, muito panorâmica embora, do que seja o Plano SALTE, quero me colocar inteiramente à disposição dos Srs. delegados para, em qualquer dia e momento que queiram, trocar idéias e fornecer elementos para que possam levar aos seus Estados, ou receber elementos que nos queiram enviar para qualquer estudo. Tôda a equipe que planejou o Plano SALTE está à inteira disposição dos Srs. delegados para, recebendo êsses dados, fazer alguma coisa que lhes pareça útil. Desejo, igualmente, que os ilustres membros desta Conferência saibam que, na parte que nos está afeta, nunca lhes faltará cooperação e auxílio para esse serviço, bem como, mais uma vez, agradecer a honra que nos deram. Não foi minha intenção cansá-los com a exposição do Plano, mas apenas conversar numa mesa redonda, que não é apenas na sua conformação, sôbre coisas que tanto interessam a todos nós. Se desejarem o trato do assunto com mais pormenores, estarei sempre à disposição.

(Exposição feita pelo Dr. Mário de Bittencourt Sampaio, Diretor-Geral do D.A.S.P., na sétima sessão plenária, de 19-8-1949, da III Conferência de Técnicos em Contabilidade Pública e Assuntos Fazendários, notas taquígráficas).